

bém querem evitar o fim do mundo. Pois, suas pequenas lutas e suas greves não passam de lamentáveis tentativas para desvirtuar o verdadeiro conflito ou transportá-lo apenas, como por brincadeira a "campos de manobras".

Incansavelmente, Marx zomba dêsse Proudhon que se atreveu a pretender que a propriedade é um roubo e, na realidade, perpétua-mente se esforça em conciliar o antagonismo existente entre os "ladrões" e os "roubados" e, quando muito, se declara pronto a "queimar a propriedade a fogo lento" por meio da aplicação dum sistema de produção cooperativa.

Marx chama-o "um êrro complexo", um pequeno burguês "que oscila perpétuamente entre capital e trabalho, entre a economia política e o comunismo" e cujas idéias não passam duma tentativa ridícula de "resolver o problema operário por meio de fórmulas mágicas".

Quando fala do *leader* socialista alemão Guilherme Weitling, nenhuma palavra de desdém lhe parece bastante forte. Porque Weitling espera a salvação do mundo dum "outro Messias" mandado por Deus, que virá realizar a doutrina do primeiro, "levará as fontes de lágrimas para o oceano do esquecimento" e transformará a terra num paraíso". "Preparemo-nos para recebê-lo condignamente!" havia proclamado Weitling entusiásticamente. "Ele descerá das alturas da riqueza para o abismo da miséria, onde, em meio à multidão dos míseros e dos desprezados, misturará suas lágrimas às dêles".

Marx considera isso, bem como a aspiração de Weitling por obter "garantias de harmonia" apenas como um "comovente sentimentalismo humanitário". A seu ver, o "verdadeiro socialismo" em cujo nome diversos grupos operários se associaram, não passa de uma "teia de aranha especulativa", um vestido "bordado com elegantes flores de retórica e impregnado de orvalho sentimental, saturado de amor", por baixo do qual se esconde a ossatura de algumas "verdades eternas".

Nem o entusiasmo de uma revolução triunfante consegue aplacar um instante sequer êsse frio escárneo, essa altiva repulsão.

Quando, em fevereiro de 1848, Paris, embriagada pela vitória, planta árvores da liberdade nos *boulevards* e queima fogos de artifício, quando já um bando de revolucionários alemães se está preparando para levar a revolução ao outro lado do Reno, o "governo provisório", no qual Louis Blanc, Albert e Flocon representam o socialismo, convida Marx, que vive em Bruxelas, a vir a Paris, para assistir ao triunfo do partido operário, à proclamação dos direitos operários, à instalação das oficinas nacionais e celebrar com êles êsses acontecimentos.

Marx surge na cidade tomada da vertigem revolucionária, como um convidado descortês, bastante mal humorado, e duma arrogância glacial.

A estrutura maciça e baixa do trintenário, sua fronte larga como talhada em pedra, o seu rosto possante enquadrado por uma cabeleira negra como azeviche e por uma enorme e cerrada barba negra, e no qual brilham olhos escuros, relutam em confundir-se nas fileiras dos revolucionários parisienses que se agitam entusiasmados e em cujas faces se reflete a febre do triunfo. Inda mais, a voz metálica, penetrante e cortante do hóspede retine como uma nota falsa e perturbadora no meio das inúmeras vozes alegres que bradam até enrouquecer.

Ainda na véspera de sua partida para Paris, Marx se reservara o direito de tomar uma atitude crítica para com "as frases e as ilusões provindas da tradição revolucionária" dos socialistas parisienses. Agora, usa largamente dêsse direito. Cada vez que celebram a vitória em discursos patéticos e anunciam o romper duma nova época de felicidade e de paz sociais, logo intervêm sua voz metálica que, com algumas observações mordentes e cheias de sarcasmo, estraga todo o entusiasmo.

Sem dúvida, êsses "ouvriers" que, antes da revolução de fevereiro eram, quando muito, apenas bons para servir de decoração para os barulhentos banquetes reformistas da burguesia, conquistaram, nas barricadas, pastas ministeriais, oficinas nacionais e direitos operários. Mas será que porisso, já se haviam tornado verdadeiros lutadores dessa grande luta sem tréguas cuja visão não abandona um instante sequer o espírito de Marx? Será que os homens como Louis Blanc, Albert e Flocon, que agora governam a França na melhor harmonia com os ministros burgueses, têm a vocação necessária para travar até seu desenlace final a guerra sem misericórdia das classes?

E' nessa época que Henrique Heine, o amigo de Marx em Paris, falando dos ministros-operários do Governo Provisório, os acha parecidos "até na côr da barba, com êsses heróis do teatro de amadores que Shakespeare tão divertidamente nos apresenta no "Sonho duma noite de verão". De fato, o maior mêdo dêsses obreiros acanhados era que pudessem ser tomados a sério. Snock, o marceneiro, assegura previamente que não é um leão verdadeiro e sim apenas o leão provisório, Snock o marceneiro. Por conseguinte, o público não precisa ter mêdo de seus rugidos, porquanto se trata sòmente de rugidos provisórios".

Assim como Heine, Marx também vê nesses homens "personagens medíocres e grotescas" que sòmente "as circunstâncias capacitaram a desempenhar o papel de heróis". Enquanto subsistir, por detrás de cada trabalho, o poder do capital — o "direito ao trabalho", as oficinas nacionais e tôdas as outras conquistas da revolução de fevereiro não desfrutarão senão uma "existência etérea" a "existência da frase".

Eis por quê, desde o primeiro instante, durante todo o tempo que Marx passa na Paris da revolução de fevereiro, sua figura e sua linguagem contrastam com a agitação entusiasta do povo e mantêm-se